

PSICÓLOGO ESCOLAR: AGENTE DE MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE MUDANÇA SOCIAL?*

VIVINA DO CARMO RIOS BALBINO**

RESUMO

Através deste estudo, procuramos analisar a formação e prática do psicólogo escolar, numa perspectiva dialética, objetivando a busca de uma prática psicológica alternativa mais comprometida com as causas populares e com a emancipação do homem. Inicialmente, foram abordados os aspectos ideológicos subjacentes à prática psicológica de um modo geral, centrando a discussão na análise mais específica da Psicologia Escolar, no que diz respeito à gênese e evolução de sua prática nas escolas. Procurando compreender a situação dos psicólogos escolares em Fortaleza nesta perspectiva, fizemos uso de questionários e de estudo de caso objetivando o levantamento dos aspectos de sua formação e prática e da visão de temas relativos à Psicologia Escolar. A análise dos resultados permitiu não somente traçar o perfil do psicólogo escolar fortalezense, como possibilitou também uma compreensão maior de sua formação acadêmica e de sua prática profissional no contexto da sociedade de classes. Os dados do estudo foram comparados a outros existentes na área, onde diante dos resultados e dificuldades encontrados, concluiu-se pela necessidade da ação conjunta dos cursos de Psicologia, dos órgãos representativos da categoria profissional e dos psicólogos escolares atuantes, no sentido de fazer emergir uma prática psicológica escolar mais comprometida com os interesses populares e com a democratização do ensino.

ABSTRACT

The objective of the study was to analyze the school psychologist academic training and professional practice, from a dialectical perspective. It was the purpose of the study to point out

* O artigo aqui apresentado constitui parte da dissertação apresentada pela autora para obtenção do título de Mestre em Educação, na Universidade Federal do Ceará, em julho de 1988.

** Professora da Universidade Federal do Ceará, psicóloga e mestre em Educação.

alternative psychological practices which would be committed to the popular causes and liberation of man. It focused on the ideological dimension and historical evolution of theory and practice in psychology in general and school psychology in particular. The data were gathered through case studies and questionnaires with the objective of comprehending the universe of the school psychologists of Fortaleza, in terms of relevant aspects related to their academic training, professional practice and world view. The results permitted a broad understanding of these aspects in the context of a class society. The results were furthermore compared to those found in the literature reviewed. The conclusions indicated the need for universities, professional associations and school psychologists in general to work together toward a psychological praxis in fact committed to popular interests and democratization of education.

INTRODUÇÃO

"Transformar a psicologia escolar em objeto de estudo parece-nos, portanto, um primeiro passo para instaurar em seu âmbito um exercício de crítica, que permita identificá-la como psicologia instrumental, dimensão da consciência necessária da sociedade, e transformá-la numa psicologia crítica, dimensão da consciência possível desta sociedade." PATTO (1984, p. 15).

São vários os autores que se têm preocupado em questionar a prática psicológica inspirada numa concepção filosófica mecanicista e utilitarista. Segundo JAPIASSU (1977), a psicologia tecnológica ou científica surgiu a partir da psicologia experimental de Watson. Com Watson e seus discípulos a psicologia deixou de estudar a vida interior (introspecção) para transformar-se no estudo do comportamento humano através do método experimental. Com um artigo publicado em 1912, Watson determinou essa nova orientação em psicologia, sendo esta reconduzida posteriormente por Skinner. De acordo com esta nova tendência psicológica, o objeto de estudo da psicologia centrou-se apenas no comportamento observável. Submetendo-se a psicologia aos métodos físico-químicos, onde o comportamento do indivíduo estaria regido pelas contingências estabelecidas, o homem torna-se objeto de manipulação e controle à serviço da ideologia dominante tecnocrática. Expressão por excelência desta perspectiva, o behaviorismo skinneriano inspirado no materialismo mecanicista, é avaliado pelo autor enquanto abordagem reducionista, na medida em que as lutas e antagonismos de classes são mascarados e escamoteados a serviço da ordem social vigente.

Já MERANI (1977) analisa o inter-relacionamento da Filosofia e da Psicologia e o papel que a última assume a partir de Bergson, sob a influência da dicotomia cartesiana e do paralelismo psicofísico, oscilando entre a Filosofia e a Biologia. Com Bergson e William James *apud* Merani (1977) floresce o espiritua-

lismo pragmático, ponto de partida do behaviorismo, do instrumentalismo pedagógico de Dewey, das psicopatologias psicanalíticas e existenciais, e da psicologia aplicada à orientação e seleção profissional. Segundo a visão de homem formada por duas substâncias isoladas, ou seja, instinto e inteligência como atividade humana e consciência, florescem duas áreas distintas do conhecimento. O estudo do instinto e da inteligência do homem e do animal competiria à Biologia e à Psicologia, enquanto a Filosofia se ocuparia do estudo da consciência, como sinônimo de ação e liberdade. Desta forma, houve o corte no processo do homem que pensa, age e toma consciência do próprio pensamento e da ação, a partir da concepção de Bergson e, segundo MERANI, isso contribuiu para que emergisse uma Psicologia de caráter ideológico, que atendessem às necessidades da Revolução Industrial em termos da criação dos bens de produção e de consumo.

Ressaltamos que, no nosso trabalho, o sentido dado ao termo ideológico refere-se a "visões ideológicas", ou seja, visões sociais de mundo que objetivam legitimar e manter a ordem social vigente, conforme LÖWY (1985). Observamos que, para este mesmo autor, as "visões sociais utópicas", diferentemente, teriam uma função crítica em busca de uma nova ordem social. LEPAPE (1975), ao analisar os pressupostos ideológicos da abordagem não diretiva de Carl Rogers — a qual tomou, posteriormente, a denominação de Abordagem Centrada na Pessoa — difundida nos EE.UU. e em outros países com aplicações nas escolas, clínicas e empresas, percebe nesta abordagem uma simplificação das relações sociais, que envolvem professor/aluno, terapeuta/paciente e chefe/subordinado, reduzindo-as ao aspecto puramente psicológico.

Mais recentemente, PATTO (1981-1984) tem abordado a questão ideológica, que permeia a atuação do psicólogo, em particular do psicólogo escolar.

A partir da preocupação com um trabalho profilático e libertador por parte dos psicólogos nas escolas, PATTO situa o contexto escolar nas suas relações com a sociedade, sob a inspiração dos teóricos do materialismo histórico dialético. Nas discussões, tenta desvelar o comprometimento ideológico da Psicologia na consolidação do *status quo* do sistema social vigente, através de um relato histórico da Psicologia na sociedade capitalista. Da mesma forma, inspirada nos teóricos marxistas representantes das teorias crítico-reprodutivistas, a saber: P. Bourdieu e J. Passerón (1975), Althusser (1974) e R. Establet (1973), esta mesma autora discute a função ideológica da escola. Discute ainda as relações da Psicologia com as classes subalternas e desmistifica o caráter ideologizante dos tão enfatizados programas de educação compensatória, difundidos a partir das experiências nos EE.UU. com as crianças menos favorecidas na década de 60.

PSICOLOGIA ESCOLAR: GÊNESE E EVOLUÇÃO

Segundo PATTO (1984), o surgimento da psicologia escolar confunde-se com as próprias origens da Psicologia Científica a partir de Wundt. A sociedade industrial capitalista da Europa, no final do século XIX, passando da economia

liberal para a centralização da produção nas empresas, passou a requerer um recrutamento da mão-de-obra de forma mais sofisticada, levando-se em conta aptidões e traços de personalidade.

Neste contexto, a Psicologia passa a desempenhar o papel de prover conceitos e instrumentos "científicos", que garantem a adaptação dos indivíduos à ordem social.

Psicometristas como FRANCIS GALTON (Londres, 1869) e BINET e SIMON (França, 1905), *apud* PATTO (1984), com suas primeiras experiências com testes para medir as diferenças individuais e a inteligência infantil, tiveram grande influência na área de psicologia escolar. A passagem de Binet do Laboratório Experimental de Sorbonne para o Laboratório de Pedagogia Experimental anexo a uma escola primária garantiria, desde então, a grande utilização da psicometria nas escolas, avaliando e classificando alunos, especialmente do pré-escolar na época. Essa tendência psicológica, vindo da Europa, instalou-se também nos Estados Unidos. Avançando nas pesquisas sobre os testes psicológicos, especialmente os de inteligência, surgem J. M. Cattell (1889) e C. M. Terman (1912), sendo que este último veio revolucionar ainda mais a prática psicológica, ao introduzir o cálculo do quociente intelectual (QI) na classificação dos indivíduos. Associados a estes testes, outros de aptidões, de personalidade e de interesses, fizeram com que a sociedade capitalista dispusesse de um verdadeiro arsenal de testes, para classificar e adaptar indivíduos na sociedade de um modo geral.

Na escola, a situação não foi diferente. As primeiras experiências da Psicologia ligadas à escola na França, nos Estados Unidos e no Brasil se valeriam da psicometria predominantemente com o objetivo de medir habilidades e classificar os alunos nos diferentes níveis de escolarização e dificuldades.

No Brasil, a Psicologia ligada ao ensino se deu a partir de 1906, através da criação, no Rio de Janeiro, de um laboratório de Psicologia Pedagógica, junto ao *Pedagogium* e depois através da Pedagogia Experimental junto à Escola Normal de São Paulo, tendo nas fases seguintes a grande influência dos educadores Lourenço Filho e Anísio Teixeira. É bom ressaltar que todo esse trabalho de articulação da Psicologia ao ensino e à educação foi implantado e realizado por educadores, uma vez que somente a partir de 1962 foi regulamentada a profissão de psicólogo no Brasil.

Aliado à aplicação de testes, a Psicologia Escolar se valeu também da orientação clínica, promovendo diagnóstico e tratamento de alunos. Desta forma, outras atividades vieram se incorporar à prática psicológica nas escolas, como: diagnóstico educacional e da personalidade, recuperação educacional e tratamento psicológico.

Segundo PATTO (1984), este era o quadro da prática psicológica na década de 1950 nos Estados Unidos e em muitos países, incluindo o Brasil. No entanto, nestes últimos vinte anos, as funções do psicólogo têm passado por grandes modificações. Representando uma psicologia eminentemente positivista, a

prática psicológica norte-americana tem se inspirado, nos últimos anos, no neobehaviorismo skinneriano, ocorrendo desta forma a aplicação da tecnologia do comportamento nas escolas também.

Como diz JAPIASSU (1977, p. 75), "ao lado e à sombra da artilharia pesada, que são os aparelhos de Estado, as tecnologias psicológicas constituem peças mais leves, verdadeiros dispositivos ideológicos usados por técnicos capazes das mais variadas manipulações visando incluir e integrar o homem à máquina e a seu meio de trabalho".

De psicometrista e clínico, o psicólogo passa, então a desempenhar na escola funções diversas como: modificador do comportamento, pesquisador, consultor e ergonomista (engenheiro do comportamento em sala de aula), havendo, ainda, distinção entre Psicologia Educacional e do Escolar, dotando a Psicologia ligada à Escola de subáreas, conforme Bardon & Bennett (1975).

Nos Estados Unidos, paralelamente a uma psicologia tecnicista, surgiu também um tendência psicológica humanista moderna inspirada em Carl Rogers (1977), coerente com a tradição funcionalista da Psicologia, ou seja, orientação não diretiva ou abordagem centrada na pessoa. Sua aplicação além dos consultórios de psicologia clínica e das empresas, estendeu-se à prática da Psicologia também nas escolas.

Vimos, desta forma, um breve histórico da Psicologia Escolar no contexto das relações sociais e seu comprometimento ideológico com a burguesia, ao longo destes anos todos através de sua prática, passando da psicometria para o behaviorismo e deste para a psicologia humanística.

Esta análise foi realizada segundo dados históricos da própria evolução da Psicologia como um todo. Seu surgimento e aplicações no Brasil, evidentemente, se deram neste mesmo contexto, como uma tendência natural de importação e apropriação da tecnologia dos países capitalistas centrais.

UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOS PSICÓLOGOS ESCOLARES FORTALEZENSES

Como professora de Psicologia Escolar e supervisora de estágio nesta área por muitos anos na Universidade Federal do Ceará, pudemos sentir de perto muitas dificuldades ligadas à prática psicológica, principalmente no que diz respeito ao papel específico do psicólogo escolar e seu comprometimento com a realidade social.

À luz do referencial teórico exposto, pretendemos, através deste estudo, fazer uma reflexão sobre a formação e prática do psicólogo escolar fortalezense, objetivando a busca de uma prática psicológica alternativa, que ao invés de psicologizar e mascarar as condições de opressão e discriminação na escola, esteja comprometida com as causas populares e com a emancipação do homem.

Para a consecução do nosso objetivo, tomamos como ponto de partida a compreensão da Psicologia Escolar em Fortaleza, quando realizamos então uma pesquisa junto aos profissionais atuantes na área, pesquisa esta que passaremos a comentar adiante.

QUESTÕES METODOLÓGICAS

Levando-se em consideração a natureza dos nossos propósitos com relação ao assunto, fizemos uso tanto de procedimentos metodológicos para uma análise quantitativa dos dados, numa primeira etapa, como também recorreremos mais exaustivamente a procedimentos utilizados em pesquisa participante, procedimentos estes que permitiram não só perceber o objeto de estudo na sua aparência, mas, sobretudo, permitiram conhecê-lo mais profundamente.

PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa estruturou-se em dois momentos com a utilização de procedimentos diferentes na coleta dos dados, com o objetivo de conseguir, ao mesmo tempo, uma caracterização geral dos psicólogos escolares em Fortaleza e uma análise mais detalhada e profunda dos aspectos ligados à sua formação acadêmica, prática profissional e visão de temas relativos à Psicologia Escolar. Desta forma, o primeiro momento da investigação consistiu na aplicação de questionários ao universo de psicólogos escolares, identificados na época, enquanto o segundo momento constituiu a realização de estudo de caso.

1. QUESTIONÁRIOS

A escolha do questionário no primeiro momento da pesquisa deu-se pela necessidade de se colher os dados de forma mais abrangente e uniformizada junto aos profissionais.

No questionário, optamos pela elaboração de perguntas fechadas, o que possibilitou uma análise quantitativa dos dados e uma caracterização generalizada dos profissionais. Este instrumento de coleta procurou abranger dados do informante como: conclusão do curso, tempo de experiência na área de Psicologia Escolar, opção de Estágio II, áreas de atividade profissional, características da instituição de trabalho, horas semanais de trabalho e salário, dados sobre a atuação profissional em termos das dificuldades e sugestões, dados sobre a Psicologia Escolar, no que se refere mais especificamente às atividades desenvolvidas pelo profissional e dados sobre assuntos relativos à Psicologia Escolar.

1.1. IDENTIFICAÇÃO DOS PROFISSIONAIS

A elaboração da lista de psicólogos atuantes constituiu-se numa árdua tarefa, devido à alta rotatividade dos profissionais, à falta de delimitação clara

da atividade (clínica/escolar) e, principalmente, pela falta de um banco de dados sobre os profissionais de Psicologia no Ceará. Buscamos a ajuda da Coordenação do Curso de Psicologia, da Associação dos Psicólogos do Ceará e, principalmente, de ex-alunos que atuavam na área, para a efetivação da lista dos profissionais com os respectivos endereços. Na época da pesquisa, foram identificados vinte e dois profissionais. Foi preocupação nossa observar dentre os psicólogos, os que realmente estavam contratados, de fato, como psicólogo na instituição de trabalho. Isto se deu porque não foi criado, ainda, cargo de psicólogo nas redes estadual e municipal de ensino no Ceará e a atuação do profissional em outras funções poderia descaracterizar nossos dados.

2. ESTUDO DE CASO

A utilização da técnica de estudo de caso ofereceu a vantagem de permitir, através de uma análise intensiva, reunir informações tão numerosas e detalhadas quanto possível, com o objetivo de apreender a totalidade da situação em estudo. As técnicas de coleta de informações nesta fase da investigação foram: observações, entrevistas, reuniões e análise de documentos.

A análise dos dados obtidos através dos questionários confirmou a necessidade de realização do estudo de caso, procedimento previsto no planejamento da pesquisa. As entrevistas, no estudo de caso, deveriam esclarecer e aprofundar determinados aspectos sobre a formação, a prática e a percepção de temas relativos à Psicologia Escolar e que não puderam ser analisados satisfatoriamente nos questionários. Por exemplo, com relação à formação acadêmica do psicólogo, 90% dos profissionais acharam importante garantir uma articulação adequada entre teoria e prática (práxis). Quantitativamente falando o dado é significativo, mas o que entendiam os profissionais sobre o sentido da relação teoria-prática?

Assim, elaboramos um roteiro de entrevista a partir das questões do questionário, que serviu como um fio condutor de todo o processo de coleta de dados nesta fase da investigação. O roteiro de entrevista para o estudo de caso constou de dezessete itens, que objetivavam aprofundar as questões propostas no questionário, fazer com que o profissional emitisse opiniões sobre os percentuais obtidos nos quesitos do questionário e descrevesse melhor e mais detalhadamente seu trabalho na escola.

2.1. REALIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

Após a seleção dos profissionais, segundo critérios estabelecidos como: tempo de experiência, opção de estágio II, natureza da escola e número de alunos, demos início aos contatos com os mesmos, procedendo à realização das visitas às instituições escolares. Desta forma, procedemos à análise mais detalhada do trabalho de três profissionais, procurando alternar os critérios estabelecidos.

Vale ressaltar que nesta etapa da pesquisa eliminamos os profissionais que atuavam em escolas especiais, tendo em vista o trabalho essencialmente clínico, via de regra, desenvolvido pelos mesmos nestas instituições de ensino. Tal atividade poderia descaracterizar nossa análise.

2.2. ESTUDO DE CASO: CATEGORIAS DE ANÁLISE

Após a coleta dos dados e o registro das informações, iniciamos o processo de análise. Atentos ao objetivo do estudo, que visava sobretudo fazer uma reflexão sobre a formação e atuação profissional do psicólogo, assim como obter o nível de conhecimento deste profissional a respeito de fatos ou questões ligadas à Psicologia Escolar, decidimos agrupar as informações coletadas, a partir do roteiro de entrevista, em três grupos ou categorias de análise. Desta forma, as informações de cada estudo de caso foram reorganizadas a partir de três categorias de análise, a saber:

I. Formação Profissional

1. Escolha do curso
2. Área escolhida para realização do Estágio II
3. Orientação teórica dominante no curso de Psicologia
4. Deficiência na formação acadêmica
5. Alternativas apresentadas à formação profissional

II. Prática Profissional

1. Atividades desenvolvidas
2. Equipe de trabalho
3. Satisfação profissional
4. Dificuldades encontradas
5. Alternativas apresentadas à prática profissional

III. Visão de Temas ou Assuntos Relativos à Psicologia Escolar

1. Associação entre teoria e prática na formação
2. Estudo da política educacional brasileira ao longo do curso
3. Possibilidade de uma Psicologia Escolar inspirada na concepção dialética
4. Fatores determinantes da repetência, evasão e reprovação nas escolas públicas
5. O papel da escola na sociedade capitalista
6. Atuação clínica do psicólogo escolar nas escolas

CONCLUSÕES

Tomando por base os resultados obtidos através dos questionários e estudo de casos realizados junto aos psicólogos escolares fortalezenses, chegamos às seguintes conclusões:

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Com relação à formação profissional, podemos concluir que, apesar do interesse crescente pela área de Psicologia Escolar na UFC por parte dos alunos, a área clínica ainda continua açambarcando o maior contingente de profissionais pela época do estágio curricular durante o curso, ou então após o mesmo, como atividade profissional predominante. Crescem também as opções pela área organizacional. A orientação teórica dominante no curso recaiu, mais uma vez, sobre os aspectos ligados à psicologia clínica (psicodiagnóstico, aconselhamento e psicoterapias), começando a desenvolver-se, no entanto, uma análise crítica com relação a este aspecto por parte de alguns profissionais. No que diz respeito às deficiências na formação profissional, podemos afirmar que estas se apresentaram sob diversas formas, ou seja, no curso, pela ênfase no estudo meramente clínico e individual do homem e pela desarticulação entre teoria e prática, e, de certa forma e no âmbito da universidade, pela descrença expressa com relação ao ensino prestado por esta instituição. As alternativas apresentadas à formação profissional situaram-se no âmbito do curso em termos da melhoria na aquisição dos conhecimentos visando articular melhor teoria à prática.

PRÁTICA PROFISSIONAL

No que diz respeito à prática profissional, podemos concluir que as atividades desenvolvidas pelos psicólogos escolares fortalezenses foram predominantemente clínicas (81%), com pouca participação na organização do trabalho escolar e na proposta curricular da escola. Há raras evidências de um trabalho interdisciplinar coletivo e, por outro lado, observou-se com frequência a existência de conflitos com relação aos limites profissionais no âmbito da escola, sobretudo na questão da orientação educacional, estando o psicólogo em situação de desvantagem por conta da legislação em vigor.

As dificuldades encontradas na prática profissional disseram respeito, sobretudo, à falta de melhor preparo profissional e aos próprios limites de atuação (expectativa da escola, conflitos com profissionais da área na conquista pelo espaço, desvalorização do trabalho etc.). Fato que merece análise neste aspecto é que 86% dos psicólogos entrevistados admitiram a possibilidade de realizar um trabalho de transformação social através da escola e, no entanto, dados sobre a prática evidenciaram pouco comprometimento dos mesmos com essa transformação. A questão, porém, é bastante complexa e a atividade do psicólogo precisa ser devidamente analisada no contexto das relações da escola com a sociedade.

As alternativas apresentadas às dificuldades da prática profissional disseram respeito, sobretudo, à questão da melhoria da formação teórico/prática nos cursos de Psicologia e na busca de práticas alternativas.

SATISFAÇÃO PROFISSIONAL

Com relação à satisfação profissional, mais uma vez evidenciamos a defasagem salarial do psicólogo escolar em relação às demais áreas, sobretudo à área industrial. Há de se ressaltar o caráter de atividade liberal da área clínica e daí mesmo sua especificidade. Fato interessante, mas pouco surpreendente é que 68% dos psicólogos escolares exercem outras atividades, sobretudo na área clínica. Outro dado observado é que os profissionais que optaram pela área de Psicologia Escolar no Estágio II durante o curso, têm obtido, normalmente, mais satisfação no trabalho, empenhando-se em atividades alternativas, procurando valorizar seu trabalho e priorizando sua atividade profissional.

As causas da insatisfação profissional na área coincidiram com as já conhecidas (descrédito da educação, formação profissional inadequada, conflitos com outros profissionais da área, status social pouco elevado e baixos salários). Entretanto, acreditamos que a solução para estes problemas devem partir da própria categoria profissional, abrindo espaços e formando profissionais competentes, que possam trabalhar procurando romper com a situação atual de desprestígio da área.

Neste contexto, acreditamos ser de extrema importância uma formação profissional mais comprometida com esta área, porque o que se observa é uma graduação defasada e a inexistência de cursos de atualização, extensão e de especialização nesta área em Fortaleza, enquanto há uma proliferação desses cursos na área clínica (sobretudo relativos a testes, aconselhamento e psicoterapias).

ASSOCIAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO CURSO

A importância da articulação entre teoria e prática na formação acadêmica foi amplamente reconhecida pelos sujeitos da pesquisa.

No entanto, não ficou devidamente claro o nível de compreensão por parte dos profissionais a respeito do significado dessa articulação.

Os dados indicaram que a maioria percebe a articulação teoria/prática numa visão pragmatista apenas, sendo a prática percebida como utilitária e dependente do interesse de cada pessoa, havendo, portanto, a redução do prático ao utilitário.

Estabelecendo relação desta questão com as atividades desenvolvidas pelos profissionais nas escolas, pudemos evidenciar uma prática profissional pouco comprometida com a transformação social, configurando, na maioria dos casos, uma prática eminentemente conservadora. Transformação social entendida aqui como *práxis*, onde a questão da utilidade não tem como referência o egoísmo e o interesse individual, mas é definida enquanto utilidade social, conforme análise de VÁSQUEZ, 1977.

ESTUDO DA EDUCAÇÃO E POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA NO CURSO

Com relação às questões relacionadas ao estudo da política educacional brasileira, os resultados obtidos até surpreenderam, quando 40% dos profissionais consideraram importante aprofundar o estudo da política educacional como forma de minimizar os problemas encontrados na prática, enquanto 45% deles acharam relevante conhecer dados da educação brasileira. Entretanto, o comprometimento ideológico subjacente à educação parece não ter sido percebido por um grande número de profissionais.

BUSCA DE PRÁTICAS ALTERNATIVAS EM PSICOLOGIA ESCOLAR

No que diz respeito à busca de práticas alternativas, podemos concluir que, apesar de 45% dos profissionais acreditarem que as dificuldades encontradas na prática podem ser minimizadas pela implementação de práticas alternativas de Psicologia inspiradas na concepção dialética, constatamos, na prática, poucas propostas de trabalho neste sentido. No entanto, é necessário que o fato seja inserido no contexto das relações da escola com a sociedade em termos da reprodução do sistema social, onde o aparecimento de propostas contra-ideológicas é extremamente vigiado. Além disso, há de se acrescentar as condições conservadoras em que tem se dado a formação desses profissionais e a complexidade do próprio processo de transformação social.

FRACASSO ESCOLAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE 1.º E 2.º GRAUS

Pelos dados, podemos concluir, ainda, que os profissionais perceberam na inadequação do ensino e na distorção da política educacional as causas principais dos problemas de evasão, repetência e reprovação nas escolas públicas, o que, de certa forma, surpreendeu, principalmente se levarmos em consideração que a formação acadêmica dos mesmos (estágios, teoria e prática etc) tem se dado, geralmente, à margem da escola pública, tendo se aproximado mais da escola particular.

A formação dos profissionais tem se dado à margem, também, de uma contextualização da educação, em termos de seus pressupostos ideológicos e daí mesmo a dificuldade no surgimento de propostas que busquem romper com o quadro atual da formação do psicólogo no Brasil.

VISÕES DE ESCOLA

Os dados indicaram que os profissionais têm diferentes visões de escola, desde uma visão ingênua de escola como instituição social positiva de equaliza-

BCH-PERIODICOS

ção social, passando pela visão crítico-reprodutivista até uma pequena minoria, que parece perceber a mesma, numa relação dialética com a sociedade.

Apesar de alguns profissionais perceberem escola de forma dialética poucos foram os que vislumbraram concretamente saídas contra-ideologizantes. Percebe-se que uma minoria apenas deles teve acesso a uma leitura crítica da escola, isso ocorrendo, geralmente, fora dos bancos universitários, ficando a maioria à mercê da formação acadêmica predominantemente acrítica.

FATORES RELACIONADOS AO SUCESSO OU FRACASSO PROFISSIONAL

Pelos dados da pesquisa, podemos afirmar que o tempo de experiência do profissional, horas semanais dedicadas ao trabalho, tamanho da escola (número de alunos) e natureza da mesma (pública/particular) pareceram não constituir fatores decisivos para o sucesso ou fracasso da atividade profissional. Por outro lado, opção de Estágio II na área, competência e empenho profissional pareceram influir positivamente no trabalho do psicólogo escolar, aumentando o nível de satisfação profissional e a valorização da atividade.

REFERENCIAL CLÍNICO E PRÁTICA PROFISSIONAL

Observamos que, apesar da maioria criticar a ênfase do enfoque clínico nos cursos de Psicologia, em detrimento de um maior conhecimento em outras áreas como: social, escolar, comunitária, organizacional etc, contraditoriamente, 81% deles realizavam psicodiagnóstico, orientação e aconselhamento nas escolas, onde trabalhavam.

O fato é realmente curioso e parece evidenciar que os profissionais, de um modo geral, não fazem uma leitura crítica da atividade clínica em termos dos seus pressupostos ideológicos.

Porém, este comprometimento precisa ser analisado também no contexto da divisão social do trabalho na escola, que veio fragmentar a produção do saber, separando os que pensam, dirigem e planejam dos que executam, alijando, dessa forma, a maioria do poder de decisão na escola, conforme COELHO, (1984). Neste aspecto, a figura do psicólogo na escola, bem como a dos especialistas da educação, surgiram para garantir a eficácia da mesma, cabendo a eles, através de suas técnicas, entre outras, atribuir aos alunos, individualmente, os problemas de insucesso escolar, resguardando, dessa forma, a função "positiva" da escola.

Neste aspecto, percebemos que se o psicólogo escolar e/ou o orientador educacional são "coadjuvantes" no processo, caracterizam os administradores e supervisores escolares os verdadeiros "guardiões" da escola capitalista, na medida em que naquele espaço, estes detêm, em parte, o poder diante do trabalho pedagógico compreendido.

PARA ALÉM DAS CONCLUSÕES

Tomando a Psicologia Escolar em Fortaleza como objeto de conhecimento e análise, chegamos a várias conclusões conforme relato anterior.

No entanto, acreditamos que não é suficiente discutir e concluir apenas. É importante que, à luz dos resultados obtidos, saibamos vislumbrar saídas objetivando uma proposta efetiva de mudanças, avançando na perspectiva da visão crítico-produtivista. Analisando este assunto, PATTO (1984, p. 30) afirmou:

"À psicologia como técnica, comprometida com uma classe social específica — a dominante, material e espiritualmente — é preciso opor uma psicologia que, embora focalizando especialmente os processos psíquicos, não perca de vista a totalidade social concreta que lhes dá sentido. Nesta perspectiva, fazer psicologia continua sendo um ato político como sempre foi, mas agora um ato político comprometido com os agentes da transformação da estrutura social e não mais com os interessados pela sua conservação".

Temos consciência de que a questão é abrangente e transcende o âmbito da Psicologia, passando pelos condicionamentos políticos, econômicos da estrutura social e pela finalidade da educação. Porém, apesar da complexidade do assunto, queremos acreditar, que de fator determinado socialmente, possa a Psicologia exercer também sua função determinante, em termos de mudanças sociais. Investindo nesta proposta, achamos que não basta denunciar as deficiências da formação, o comprometimento ideológico, a difícil ocupação do espaço profissional, os baixos salários e outras tantas dificuldades propaladas em tantos levantamentos e pesquisa a respeito da Psicologia Escolar. É preciso agir procurando através de mediações, materializar uma prática que venha transformar essa realidade. Sobre esta questão foi VÁSQUEZ (1977, p. 206-207) quem afirmou:

"... Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação".

No nosso entender, as mediações em termos das mudanças em Psicologia Escolar perpassam pelo menos três instâncias, a saber: cursos de Psicologia, órgãos representativos da categoria profissional e profissionais atuantes na área.

AOS CURSOS cabe redimensionar seu currículo de graduação, proporcionando o conhecimento totalizante da Psicologia, devidamente inserido no contexto social, econômico e político da sociedade, trabalhando pela construção de uma Psicologia, que contribua para o desvelamento das contradições sociais, ao invés de centrar seus estudos no individual apenas, reforçando a crença nas diferenças naturais entre os homens.

Importante se torna, neste contexto, a figura dos professores que atuam nesta área nas universidades, ocupando-se da formação dos futuros profissionais. Necessário se faz reconhecer o nível de dificuldades e de alienação atuais e redimensionar os programas de ensino, estabelecendo um contato direto da universidade com a realidade social e promovendo uma adequada articulação entre teoria e prática, visando à conscientização dos futuros profissionais, quanto ao seu papel social.

Nesta perspectiva, qual o espaço possível na escola, vista como mediadora das transformações sociais?

Segundo OLIVEIRA (1981, p. 67), ao analisar o papel da escola no processo de transformação social: "..., na sociedade capitalista, é a própria escola (seja ela pública ou privada) que produz tanto os intelectuais que vão servir à manutenção do poder do grupo dominante como os intelectuais que vão negar essa manutenção e, ainda, propor a sua superação, podendo surgir disto um novo "bloco histórico".

Baseado nos escritos de GRAMSCI sobre a educação, esta autora discute o "duplo papel" da escola, na medida em que, ao mesmo tempo em que reproduz as relações de produção existentes, num exercício claro de hegemonia e manutenção de poder, possibilita, também, o aparecimento de contradições do sistema, dando espaço à tomada de consciência de indivíduos ou grupos, que trabalharão para a superação das contradições.

AOS ÓRGÃOS REPRESENTATIVOS DA CATEGORIA PROFISSIONAL (CFP, CRPs, SINDICATOS E ASSOCIAÇÕES) cabe a luta pela ocupação digna do espaço profissional da Psicologia.

No Ceará, acreditamos ser de fundamental importância a luta, entre outras, pela criação do cargo de psicólogo nas redes estadual e municipal de ensino, estando o Ceará em situação de desvantagem, inclusive, em relação a outros Estados do nordeste. Entendimentos com a Associação dos Psicólogos do Ceará já foram realizados neste sentido e o processo formal de criação do cargo já está encaminhado.

Além disso, tem se empreendido nacionalmente um esforço para a criação da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee), sendo que algumas associações regionais estão sendo criadas, inclusive a do Ceará. Acompanhamos com interesse este trabalho, acreditando na importância dessas associações para o crescimento e valorização da Psicologia Escolar.

Finalmente, entendemos que cabe AOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DE PSICOLOGIA ESCOLAR repensar sua prática profissional e buscar alternativas de ação que possam ir ao encontro de uma Psicologia conscientizadora e mais comprometida com as camadas populares e com a democratização do ensino. Além disso, deve haver a luta individual pelo trabalho competente, fazendo da Psicologia Escolar atividade profissional principal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa, Presença, 1974.
- BARDON, J. I. & BENNETT, V. C. *Psicologia Escolar*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- BOURDIEU, P. & PASSERÓN, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1975.
- COELHO, Ildeu M. A questão política do trabalho pedagógico. In BRANDÃO, Carlos, org. *O educador: vida e morte*, 5.^a ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984. p. 31-49.
- ESTABLET, R. A Escola, *Tempo Brasileiro*, n.º 35, Rio de Janeiro, 1973.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução à epistemologia*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- LEPAPE, Marie Claire. *Pedagogia e pedagogias*. Trad. Agostinho Trindade de Sousa. Lisboa, Edições 70, 1975.
- LÖWY, Michael. *Ideologia e Ciência Social — elementos para uma análise marxista*. São Paulo, Cortez, 1985.
- MERANI, Alberto L. *Psicologia e alienação*. 2.^a ed. Trad. Rachel Gutiérrez. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- OLIVEIRA, Betty A. A educação nos escritos de Gramsci. *Reflexão* (19): 58-69, jan./abr, 1981.
- PATTO, M. Helena S. *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1981.
- . *Psicologia e Ideologia*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1984.
- ROGERS, Carl & ROSENBERG, R. L. *A pessoa como centro*. São Paulo, EPU, EDUSP, 1977.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo, Cortez, 1984.
- VÁSQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.